

OS SENTIDOS DA INTERVENÇÃO DE “CLOWN” E CONTADORES DE HISTÓRIA PARA PACIENTES HOSPITALIZADOS.

Beatriz de Melo Rios¹, Tamires Folco Lopes², Flávio Alves da Silva³, Wilma Magaldi Henriques⁴

1. Estudante de Psicologia pela UMC – e-mail: beatriz-mrios@hotmail.com
2. Estudante em Psicologia pela UMC – e-mail: tamires_folco@hotmail.com
3. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes – e-mail: flaviosilva@umc.com.br
4. Professor da Universidade de Mogi das Cruzes – e-mail: wilmah@umc.br

Área de conhecimento: Psicologia.

Palavras Chave: Clown; Contadores de História; Hospital; Palhaçaria

INTRODUÇÃO

O processo de humanização hospitalar é uma necessidade evidente dentro da área da saúde, sendo reconhecida tanto pelos usuários dos serviços, como pelos profissionais e presente nas concepções teóricas. A humanização não está restrita apenas a quem recebe os cuidados, mas está associada a quem cuida e a diversos agentes do ambiente hospitalar, sendo relacionada com afeto, atendimento empático e atenção às necessidades do paciente, não deixando de ser um desafio viesado para todos os atores de saúde (ESTEVES, 2014). O Ministério da Saúde e governo brasileiro colocam as vivências do “clown” (palhaço em inglês) nos hospitais dentro das políticas públicas de humanização da ação médica. Diversas iniciativas desses voluntários auxiliam na humanização do ambiente hospitalar, dentre eles o lazer, arte e cultura. A Política Nacional de Humanização do Sistema Único de Saúde (Humaniza SUS), realizada pelo Ministério da Saúde, tem a intenção de incitar os gestores e sociedade a procurar métodos para suavizar a passagem do paciente pelo hospital (Brasil, 2010 Apud Cassoli, 2016). Referente a arte de contar histórias, esta é considerada uma ferramenta que transmite contos, expressando-se pela voz, corpo e gesto, classificando-se como uma performance. A voz e o corpo permitem uma interação entre o contador e o ouvinte, sendo que a história é experimentada por cada ouvinte de forma diferente, por mais que o conto seja o mesmo. A performance permite que o contador, cada vez que conte sua história, seja reproduzida de maneira única e singular, tendo interpretações distintas por cada contador e ouvinte, respeitando suas individualidades (TORRES e TETTAMANZY, 2008). Esta pesquisa visou desvelar a representação que o paciente hospitalizado tem sobre a intervenção de “clowns” e contadores de histórias. Tendo como hipótese que a intervenção terapêutica é algo benéfico para os pacientes, ajudando na criação de um ambiente humanizador e gerador de mudanças no contexto do adoecimento e auxiliando na transgressão do período de internação, de uma forma a propiciar melhorias para o paciente hospitalar. Portanto, a pesquisa justifica-se perante a importância da intervenção terapêutica dos voluntários “clowns” e contadores de histórias como agentes que propiciam a reflexão sobre o processo de adoecimento de uma forma lúdica.

OBJETIVOS

O projeto buscou desvelar os sentidos atribuídos às vivências de “clowns” e contadores de histórias por pacientes hospitalizados, bem como identificar como são as experiências dos pacientes com as intervenções; discutir o sentido que os pacientes dão para essa atuação; analisar como a terapia do riso e contação de histórias refletem no dia a dia do sujeito internado.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo e exploratório de abordagem qualitativa, que se utilizou da metodologia da História Oral Temática, conforme o proposto por Meihy e Holanda (2007). Participaram da pesquisa 20 (vinte) pacientes que estavam em situação de internação em um hospital do Alto Tietê, sendo maiores de dezoito anos, de ambo os sexos e estavam hospitalizados há pelo menos um dia, tendo participado voluntariamente desse estudo. A pesquisa foi realizada a partir de entrevistas abertas com esses sujeitos, partindo da seguinte questão disparadora: “Pode me contar como foram suas experiências com os “clowns” e contadores de história?”. As entrevistas foram transcritas, textualizadas, transcriadas e cartografadas por entre todos os depoimentos para conhecer onde nelas a questão inquietadora estava imposta. Partindo disso, os relatos foram escolhidos seguindo um critério de exemplaridade: narrativa de depoimentos reveladores do mérito da questão. Foram entrelaçados recortes de falas desses depoimentos com reflexões das pesquisadoras, como tentativa de encontrar sentido e refletir acerca dos objetivos propostos, assim desvelando uma possível significações do trabalho de “clowns” e contadores de histórias no ambiente hospitalar e como era visto pelo paciente.

RESULTADOS/DISCUSSÕES

Em 2001, foi criado O Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH) sendo substituído em 2003 pela Política Nacional de Humanização (PNH), que visa tanto a autonomia como o protagonismo perante os indivíduos incluídos no processo saúde-doença, assim como o prezar pela subjetividade nas práticas de atenção e gestão da saúde em relação a esses indivíduos (BRASIL, 2010 apud SILVA, 2013). Contudo, a rigidez do ambiente hospitalar acaba por tirar tanto a autonomia, como a subjetividade do paciente, podendo gerar diversas sensações e até mesmo desamparo. As práticas de humanização surgem como uma ferramenta capaz de resgatar a individualidade desse sujeito, uma vez que a despersonalização desses pacientes é algo comum dentro das instituições hospitalares. Nesse processo de despersonalização, causado pela hospitalização, a pessoa passa a ser só mais um número no prontuário médico, ou então, é conhecida pela sua doença. O sujeito hospitalizado tem que se adaptar frente a doença e ao mesmo tempo no ambiente hospitalar, reestruturando seus valores e suas relações interpessoais. O “clown” surge como um aliado no processo de humanização, proporcionando uma desopressão no momento da hospitalização, transformando esta instituição em uma organização que trabalhe com o restabelecimento da doença e também da dignidade humana (ANGERAMI-CAMON, et. al, 2003), como é possível identificar na fala do seguinte paciente: *“É legal e que é importante [...] porque a pessoa já está num momento difícil, um momento de recuperação e uma possível pontinha de esperança para sair bem, então isso é válido, é importante e tem que ter”* (D16). Estar em um ambiente rodeado por regras como o hospital, pode gerar no sujeito uma visão de um ambiente de privação, limitando e fazendo com que se reconheça como alguém que perdeu o direito à liberdade (POMPEIA e SAPIENZA, 2013). O “clown” entra neste contexto para trazer uma ajuda e uma luz no final do túnel para o paciente, como revela a fala de D2: *“Cansada de ficar no hospital, não é fácil ficar no hospital, né. E aí eu estava com vontade de ir embora, eu até falei para ela, aí eu não tô aguentando ficar aqui mais, tava bem cansada. E aí quando eles entraram, eles iluminaram o quarto.”* O riso é de suma importância na construção de vínculos, porque ele pode tanto aproximar, quanto tranquilizar, transpassando barreiras e sendo utilizado como ferramenta de Promoção de Saúde para a Dialogia do Riso. Na interação do palhaço e contadores de histórias com os pacientes hospitalizados, temos o diálogo, riso e alegria presentes (MATRACA, et al., 2011). D2 e D14 falam a respeito dessa alegria: *“Às vezes você está passando por uma consulta até difícil, para saber alguma coisa*

difícil da sua vida, aí eles vêm e mostram que a alegria é sempre importante, independente do que está passando, né” (D2) e “Tudo que é alegre, tudo que é bom, ajuda.” (D14). É importante pensar no sujeito hospitalizado para além de sua enfermidade, buscando compreendê-lo em suas potencialidades, favorecendo a abertura deste paciente para as possibilidades de enfrentar o adoecimento. (BOSS, 2001). Como é revelado na fala de D2: “Então eles iluminaram o quarto, trouxeram alegria para gente aguentar mais um pouquinho, foi bom.” O cuidado está relacionado ao zelo, atenção e solicitude, com o foco daquele que cuida voltado para o sujeito que é cuidado (BOFF, 2005), sendo assim, a terapia do riso é uma forma de cuidado, não a forma tradicional que ocorre dentro do hospital, mas um cuidado voltado para outras necessidades, consequentemente fazendo com que o paciente viva momentos prazerosos, mesmo durante a internação. Esse cuidado pode contribuir para que o sujeito se sinta menos solitário, como presente na fala de D4: “Achei muito interessante, porque, às vezes, a pessoa que está aqui pode estar meio cabisbaixa porque não está com ninguém, pode estar triste, apreensiva e queira ou não queira elas acabam tirando esta apreensão, esta solidão que o hospital, por mais que você tenha família, te dá uma solidão, porque você fica sozinho [...]”. A vivência com os “clowns” e contadores pode levar o paciente a buscar uma referência de aspectos do passado que lhe geraram bem estar e, assim, auxiliar a tornar o ambiente hospitalar mais suportivo, como nos recortes abaixo das falas de D2: “Foi interessante, porque eles te deixam à vontade para brincar com eles porque se passam por criança, então faz a gente ser criança junto com eles, foi muito bom. Eu gostei. [...] Estava perdendo a paciência de ficar aqui, então quer dizer, dá para aguentar mais um pouco. Ajuda muito e com certeza alguém que estiver desanimado vai se animar de novo, igual eu”, além disso, o intuito das atividades realizadas pode visar, também, um possível acolhimento do sujeito em seu processo de adoecimento, gerando conforto dentre tantas situações desconfortáveis vividas no processo de adoecimento, como coloca o seguinte paciente: “Tem gente que precisa muito desse acolhimento, falar, rir um pouquinho, muito bacana.” (D6).

CONCLUSÕES

O presente estudo permitiu, a partir do relato dos sujeitos entrevistados, compreender a relevância da atuação do “clown” e dos contadores de histórias no contexto hospitalar, demonstrando que, contadores de histórias e “clowns” proporcionam às pessoas internadas uma possibilidade terapêutica focada no cuidado, trazendo efeitos benéficos para os pacientes. E a interação (paciente-clown/contador) torna o ambiente hospitalar mais acolhedor. Ressalta-se a importância do tema, principalmente na humanização da saúde. Com a presente urgência de humanizar o ambiente hospitalar, esses interventores ganharam espaço, presumivelmente por serem pessoas que transpõem a monotonia do processo de internação. É exatamente essa quebra da rotina hospitalar que desconstrói, juntamente com o paciente, a hospitalização e o hospital, transformando-os em um ambiente mais acolhedor e menos solitário. O encontro com o outro, realizado por “clowns” e contadores de histórias, torna possível e alívio das dores do paciente e do sofrimento, conforme falas expostas pelos mesmos. O paciente é capaz de transcender e sair de si para centrar-se no outro, com desvelo e solicitude. A humanização, enquadramento hospitalar, significa abertura para o outro, ultrapassando as fronteiras da doença. Ou seja, enxergar o mundo a partir da ótica do “clown” e dos contadores de histórias presentes ali no quarto. Conquanto, como limitações para a efetivação desta pesquisa, observou-se a impossibilidade de realização do estudo em outros hospitais, restringindo os resultados à realidade de apenas um hospital da região, sendo necessários maiores estudos para expansão das perspectivas acerca do tema, assim como as gravações descartadas, sendo danificadas devido a alguns quadros clínicos dos pacientes, afetando a dicção dos mesmos e consequentemente a entrevista coletada. Entretanto, o estudo atingiu os objetivos propostos, confirmando a hipótese inicial. Acredita-se que tanto

“clowns” como contadores podem contribuir com novas formas de se relacionar neste ambiente, criando relações mais humanas e dignas, que considerem o sujeito que adoece em sua totalidade.

REFERÊNCIAS

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (org). **Psicologia Hospitalar: teoria e prática**. 1. ed. São Paulo: Cenage Learning, 2003.

BOFF, Leonardo. O cuidado essencial: princípio de um novo ethos. **Inclusão social**, v. 1, n. 1, 2005.

BOSS, M. (2001). Prefácio à primeira edição. **In: Heidegger, M. Seminários de Zollikon**. São Paulo: Educ, Vozes.

CASSOLI, Tiago. Humanização, psicologia e riso: produção de liberdade e processos de subjetivação. **Rev. Polis e Psique**, [s/l], v. 6, n. 1, p.109-133, jan. 2016.

ESTEVES, Carla Hiolanda; ANTUNES, Conceição; CAIRES, Susana. Humanização em contexto pediátrico: o papel dos palhaços na melhoria do ambiente vivido pela criança hospitalizada. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, São Paulo, v. 18, n. 51, p.697-708, 2014.

MATRACA, Marcus Vinicius Campos; WIMMER, Gert; ARAËJO-JORGE, Tania Cremonini de. Dialogia do riso: um novo conceito que introduz alegria para a promoção da saúde apoiando-se no diálogo, no riso, na alegria e na arte da palhaçaria. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 10, p.4127-4138, 2011.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral: Como fazer, como penar**. São Paulo: Contexto, 2007.

POMPEIA, João Augusto; SAPIENZA, Bilê Tatit. **Na presença do sentido: Uma aproximação fenomenológica a questões existenciais básicas**. 2. ed. São Paulo; EDUC; ABD, 2013.

SILVA, Atila Mendes da; SA, Marilene de Castilho; MIRANDA, Lilian. Concepções de sujeito e autonomia na humanização em saúde: uma revisão bibliográfica das experiências na assistência hospitalar. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 22, n. 3, p. 840-852, Sept. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-12902013000300017&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 02 Set 2020.

TORRES, Shirlei Milene; TETTAMANZY, Ana Lúcia Liberato. Contação de histórias: resgate da memória e estímulo à imaginação. **Revista Eletrônica de Crítica e Teoria de Literaturas**, Porto Alegre, v. 4, n. 1, p.1-8, 2008.